

EDUCAÇÃO INFANTIL, DESCOLONIZAÇÃO DE PRÁTICAS DOCENTES E REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.

Francisca Fábricia Teodoro Costa ¹

Luísa Nara da Silva ²

Gabriela Gondim Alves ³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo o relato das experiências florecidas durante o processo de Estágio Supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, em diálogo com o referencial teórico sobre o tema, tendo como campo de estágio uma escola da rede municipal de Quixeramobim-CE. As experiências desenvolvidas envolveram práticas pedagógicas com foco nas temáticas de identidade, subjetividade, representação cultural, gênero, relações étnico-raciais, dentre outros temas propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. As ações aconteceram a partir de observações sistemáticas sobre a realidade do campo de estágio, e elaboração de plano de trabalho lúdico, que apresentava um conjunto de intervenções didáticas a serem desenvolvidas com as crianças da faixa etária de 5 anos da instituição de ensino Maria do Socorro Coelho Benício. Através das observações sistemáticas, consulta ao PPP e diário de campo, foi desenvolvido um diagnóstico sobre a realidade da instituição, para auxiliar na construção de uma proposta de trabalho junto as crianças. Durante a criação e execução do projeto intitulado “O Mundo mágico da Diversidade” buscamos a operacionalização de metodologias lúdicas e áudio visuais. Através da trajetória do estágio supervisionado e da realização do projeto, foi possível identificar pequenas mudanças de postura e ressignificação do universo infantil, e o desafio que o educador contemporâneo apresenta na construção de dimensões teóricas e metodológicas ao longo do seu processo de formação e qualificação profissional que sejam suficientemente capazes de ressignificar o processo de ensino e aprendizagem, com vistas a uma educação descolonizadora, emancipatória e libertadora.

Palavras-chave: Educação Infantil, Estágio, Diversidade, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado se consolida como um importante instrumento do processo de formação, sendo este o elemento que possibilita uma interação mais próxima com a realidade educacional, por meio do diálogo congregado entre teoria e prática. Neste artigo pretendemos

¹ Licenciada em Pedagogia pela UECE. Graduada em Serviço Social pela UNOPAR. Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Especialista em Políticas Públicas e Gestão. Pós graduanda em Avaliação de Políticas Públicas na Universidade Federal do Ceará- UFC, fabriciatcosta@gmail.com

² Graduada em Serviço Social pela UECE. Mestre em Ensino na Saúde pela Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora e Professora do Curso de Serviço Social da Faculdade Cisne. Luisa.nara@faculdade.cisne.edu.br

³ Graduada em Serviço Social pela UERN. Especialista em Serviço Social, Seguridade Social e Legislação Previdenciária. Pós graduanda em Educação e Ensino pela UECE. Professora da Csine. gabrielazene@gmail.com

apresentar reflexões gerais sobre o processo do estágio a partir das atividades desenvolvidas junto às crianças da Educação Infantil e os impactos subjetivos que o projeto intitulado: “O mundo mágico da diversidade” fomentou na formação dos estagiários e do público alvo, no caso as crianças.

O diálogo permanente e indissociável entre teoria e prática nos possibilitou trilhar caminhos educativos mais coerentes, éticos, políticos e fundamentados, ampliando nossa visão de mundo, o que contribuiu decisivamente no processo de mediação do conhecimento junto aos educandos.

Nesse sentido compreendemos que o educador tem um imenso desafio de levar as instituições educacionais novas concepções sobre o processo de ensino aprendizagem, a partir de ideias inovadoras, motivadoras, embasadas em uma teoria emancipatória do conhecimento e, que estejam articuladas a um projeto de formação crítica e criativa do sujeito.

Compreendemos a ideia de emancipação humana a partir do diálogo com as ideias de Freire⁴, relaciona-se, portanto, com a à ideia de libertar, de tornar-se livre. Nesse contexto a educação não pode ser compreendida como mera transmissão de conhecimento e saberes, mas um constituir-se sujeito do mundo, para o mundo, atuando nele para modificá-lo.

É inquestionável aos cursos de pedagogia, a importância do estágio que tem como finalidade qualificar o perfil do profissional que possa ser dotado de autonomia intelectual, especialmente para interagir com o contexto social, cultural e principalmente real dos alunos. O professor contemporâneo necessita estar preparado para atender as necessidades de uma realidade cada vez mais complexa, permeada por avanços tecnológicos e por novas demandas globais, regionais e locais.

O projeto de intervenção “O mundo Mágico da Diversidade”, proposto durante o estágio tinha por objetivo fazer um levantamento sobre as diferenças culturais e étnicas encontradas na comunidade escolar, possibilitando a convivência valorativa e estimulando o respeito às diferenças e a diversidade, ampliando o repertório cultural dos discentes logo na fase inicial de construção de saberes, atitudes e vivências, para conhecer e valorizar as diversidades identificadas em sala e em outros espaços de socialização por meio do processo de interação, descoberta e diálogo.

Através do desenvolvimento do projeto foi possível proporcionar às crianças a ampliação dos seus conhecimentos pessoais e culturais, garantindo uma formação mais crítica

⁴ Discussão realizada no livro de Palmer, Joy A. (coord.). *50 Grandes educadores modernos: de Piaget a Paulo Freire*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006. p. 164.

e emancipatória, possibilitando a exploração positiva das diferenças nas suas mais variadas formas, estimulando a convivência e o respeito ao próximo, e às diversas culturas existentes.

METODOLOGIA

O artigo de cunho teórico, reflexivo e qualitativo, dialoga com as experiências do estágio supervisionado a partir do referencial bibliográfico que fornece suporte ao tema e as discussões presentes no estudo. Conforme Minayo (1994) o campo qualitativo compreende o estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem em diálogo com suas vivências, como constroem seus artefatos e a si mesmo, como sentem e pensam.

A pesquisa bibliográfica que forneceu suporte as reflexões do estágio, conforme Gil (2008, p.44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

As experiências desenvolvidas no estágio envolveram práticas com foco na temática da diversidade e empoderamento dos discentes a partir do diagnóstico inicial sobre a realidade escolar. A leitura e interpretação dos desafios e potencialidades do campo de estágio é fator imprescindível para os estagiários, pois é preciso: “saber observar, descrever, registrar, interpretar e problematizar e, conseqüentemente, propor alternativas de intervenção” (PIMENTA, 2001, p. 76)

A avaliação do projeto desenvolvido com os discentes se deu de forma qualitativa com base na observação do desenvolvimento individual de cada criança e na participação dela nas atividades propostas, de forma contínua, pois como ressalta Paulo Freire (2017), a cada momento surgem novas experiências que acarretam em novos conhecimentos, o que justificou a proposta de avaliação continuada. Ainda conforme o autor é preciso considerar que os alunos aprendem diferentemente porque têm histórias de vida diferentes, são sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e influencia sua forma de aprender.

Nesse sentido foram privilegiados aspectos como socialização, interação, criatividade, participação e conhecimento que o aluno demonstrou durante a execução das atividades propostas.

DESENVOLVIMENTO

O estágio configura-se como uma dimensão acadêmica e formativa imprescindível, uma vez que no decorrer do percurso é possível construir conhecimentos relevantes sobre o âmbito educacional e o saber-fazer na sala de aula. [...] “o estágio curricular se bem fundamentado, estruturado e orientado, configura-se como um momento de relevante importância no processo de formação dos futuros professores” (FELÍCIO; OLIVEIRA, 2008, p. 217)

A escola Maria do Socorro Coelho Benício situada no Mutirão da Pompeia em Quixeramobim- Ce, localiza-se em um bairro periférico do município, e atende crianças oriundas de famílias que tem renda mensal inferior a dois salários mínimos, e que convivem com diversas expressões da questão social e acesso precário às políticas públicas.

O trabalho pedagógico da EEF Maria do Socorro Coelho parte de uma concepção humanística em educação, tendo como base os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's e a fundamentação teórica de alguns pensadores como Jean Piaget, Lew Semenovick Vygotsky, Ausubel, dentre outros.

Na construção do diagnóstico foi possível evidenciar que a escola não ofertava intervalo recreativo para os alunos, pois conforme informações da equipe gestora da instituição de ensino esse momento foi retirado de todas as escolas do município, por meio de um acordo entre a Secretaria Municipal de Educação e os pais/responsáveis, motivados pela informação de que ocorriam muitos acidentes entre os alunos, que durante as brincadeiras caíam e se machucavam.

É importante destacar e fazer a defesa do momento da recreação como um espaço que facilita a formação livre de aspectos cognitivos, de regras coletivas e de interação social. Vygotsky (2007) atribui relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil. É brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos.

No decorrer da observação sistemática foi visualizado que o ambiente escolar apesar dos desafios das condições objetivas (precária estrutura física, não disponibilização de horário específico para recreação, material de trabalho insipientes) a relação professor e aluno era de interação, respeito, afeto, e compromisso com o processo de ensino e aprendizagem.

Os discentes demonstravam motivação e entusiasmo quando as aulas contavam com momentos lúdicos, como o uso de jogos educacionais. Todavia durante o processo de observação não foi visualizado o uso de metodologia áudio visual, que conforme a docente era impossibilitada de planejar aulas com esses materiais pois as escolas municipais dispunham de escassos materiais como notebook, caixa de som e data show.

Nesse sentido, é importante destacar que as condições materiais de trabalho do professor, incidem diretamente nas condições do ensino. Acreditamos que a luta por uma formação de qualidade e libertadora perpassa por garantia de infraestrutura e condições básicas para o desenvolvimento do trabalho docente.

(...) é necessário um grau de mobilização e de organização que pressione o Estado e o conjunto da sociedade, no intuito de a educação venha a assumir o caráter de prioridade efetiva e com isso os recursos necessários venham a ser destinados. De outro lado essa situação precária coloca o desafio do próprio trabalho docente, de modo que no interior da própria ação pedagógica desenvolvam os mecanismos que se contraponham a esses estados de coisas. (SAVIANI, 2008, p.117)

Após o período “inicial” de observação sistemática, uma vez que essa se deu durante todo o percurso do estágio, as discentes do curso de Pedagogia debateram e elaboram uma proposta de trabalho a ser realizada junto às crianças da educação infantil, nível 5, que se materializou em um projeto com o tema: “ O mundo mágico da Diversidade.

A construção do plano lúdico envolveu o ato de aprender brincando. Nessa perspectiva foi possível trabalhar diversas áreas do conhecimento de forma interdisciplinar, por meio da linguagem oral, da expressão corporal, coordenação motora, afetividade, identidade, noções matemáticas, arte, natureza e sociedade, dentre outros.

No campo metodológico privilegiamos o uso dos seguintes recursos lúdicos: filmes, vídeos, músicas, leituras dramatizadas, rodas de conversa, contação de histórias, dança, oficinas culinárias, construção de brinquedos, fantoches, jogos educativos, dinâmicas, vivências de toque, imagens e materiais de personagens negros como forma de autovalorização das características das crianças (TRINIDAD, 2011), dentre outros.

É mister ressaltar que o lúdico propicia à criança o desenvolvimento de sua personalidade, da sua afetividade, e das suas relações interpessoais, por meio da interação que ela estabelece com o meio, bem como por sua representação do mundo no momento do brincar e o desenvolvimento da sua linguagem. De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil, BRASIL (1998, p. 28):

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos (...). Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca.

É por meio das brincadeiras na educação infantil que os educadores vão auxiliando os alunos a internalizar vivências e valores como: cooperação, respeito, companheirismo,

solidariedade, autoestima, amizade, responsabilidade, honestidade, dentre outros pressupostos importantes para essa fase da vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo de estágio restou evidenciado que brincar é coisa séria, e quanto mais rica for a experiência lúdica vivenciada pela criança na sua infância, mais desenvolvido será seu processo de ensino aprendizagem e a construção de suas habilidades emocionais, físicas, cognitivas, motoras, etc.

[...] a brincadeira é uma atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típico da vida humana enquanto todo – da vida natural/ interna do homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, e paz com o mundo [...] O brincar, em qualquer tempo, não é trivial, é altamente sério e de profunda significação (FROEBEL apud, KISHIMOTO,1999,p.23).

Além da brincadeira foram privilegiados momentos de debate por meio de rodas de conversa, com contação de histórias, e o cine-diversidade. O acesso a um ambiente que estimula o respeito e valoriza a diversidade, auxilia a formar seres humanos mais esclarecidos, encoraja a construção de uma autoimagem afirmativa, e fomenta indivíduos atentos ao bem estar coletivo.

Alguns dos livros da coleção Africanidade tratavam do diálogo sobre a diversidade dos povos, e das suas respectivas contribuições para a formação sócio-cultural brasileira. Logo após a leitura iniciávamos a roda de conversa sobre a temática, para que os alunos pudessem expressar seus pensamentos, sentimentos, ideias, bem como observar as informações que eles conseguiram apreender a partir da leitura/contação de histórias.

Conforme Godoy (2010), este momento contribui para que as crianças sejam capazes de construir conhecimentos importantes para o seu desenvolvimento. Estimular para que aprendam a observar, perguntar, levantar hipóteses, imaginar, pensar e buscar comprovações.

Interessante que nesse momento é bem perceptível como a educação apreendida fora dos muros da escola, contribui para a formação do estudante, muitos deles aliaram a temática da diversidade com situações vivenciadas em casa, e em outros espaços que frequentam na comunidade.

Conforme ressalta Antunes (2007, p.30) “Ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com

uma dada realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos a essa realidade e a essa realização.”

Evidenciamos ao longo das atividades propostas que o trabalho com a linguagem cinematográfica pode ser um estimulante poderoso para desenvolver habilidades de comunicação e interação entre os alunos. Por meio das imagens eles conseguiram captar informações e questionamentos que favoreciam um debate histórico-crítico. O filme “Kiriku e a Feiticeira” é apenas um, entre as muitas possibilidades de apresentar aspectos culturais africanos poucos explorados, e que certamente auxiliou na compressão da própria cultura dos discentes, uma vez que naquela sala de aula observamos uma diversidade de sentimentos, pensamentos, etnias, que precisavam ser reconhecidas por eles como parte de um contexto mais amplo.

Segundo Gadotti (1992, p. 21), “A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista.”

Uma das atividades que despertaram a curiosidade e o entusiasmo dos discentes foram as propostas de oficinas culinárias. A atividade dialogava sobre a origem dos alimentos (africana, indígena, e de outros povos que influenciaram nossa culinária como os portugueses, italianos e etc), muitos deles presentes no cotidiano dos discentes. Entre os alimentos, fornecemos destaque ao milho, tapioca, feijoada, cuscuz, massas, e os discentes auxiliavam no preparo de alguns desses. Por meio das receitas era possível ainda trabalhar com palavras chaves, reconhecimentos de letras, números, quantidades, dentre outros aspectos.

Outras ações contemplavam atividades com foco no fortalecimento da autoestima dos educandos, a partir de um debate sobre etnias, bullying, preconceito, racismo, o que proporcionou momentos de grande aprendizado para todos os envolvidos. Convém ressaltar o que diz Celso Antunes (2001): “Traumas que as pessoas carregam por toda a vida foram adquiridos nos bancos escolares”. Era perceptível a baixa autoestima que acompanhavam as crianças negras da sala de aula, e a importância que foi trabalhar essa temática e contribuir gradativamente para a elevação da estima desses sujeitos.

Conforme Dely (2006 p.12), a autoestima “É um elemento que se desenvolve na infância e depende de como e do quanto fomos valorizados pelas pessoas que amamos. Conhecer nosso valor depende de que alguém o aponte e nos estimule”

Outra proposta de grande relevância na perspectiva lúdica, foi a construção de brinquedos étnicos. A atividade proposta para essa aula foi a confecção de um brinquedo de

origem indígena (chocalho) e um brinquedo de origem africana (Bilboquê). Durante a exposição dialogada para a confecção desses brinquedos com o uso de material reciclado refletimos sobre a importância da reciclagem, e reutilização de produtos, como garrafas pet. Após o término da confecção dos brinquedos, as crianças puderam brincar de forma livre explorando seu brinquedo e interagindo com os demais alunos.

Vigotsky (1984, apud WAJSKOP, 2007), afirma que, é na brincadeira que a criança consegue vencer seus limites e passa a vivenciar experiências que vão além de sua idade e realidade, fazendo com que ela desenvolva sua consciência. Brincando, elas podem desenvolver sua imaginação, além de criar e respeitar regras de organização e convivência, que serão, no futuro, utilizadas para a compreensão da realidade. A brincadeira permite também o desenvolvimento do autoconhecimento, elevando a autoestima, propiciando o desenvolvimento físico-motor, bem como o do raciocínio e o da inteligência.

Uma das atividades propostas que gerou bastante diversão e descontração, foram as Danças Étnicas. Nesse momento a acolhida dos discentes foi marcada pelas cantigas tradicionais das cirandas de rodas já como forma de contextualizar o tema a ser trabalhado. Após a leitura de um dos livros da coleção Africanidade, houve uma exposição dialogada sobre danças e como essas estão presentes em nossas vidas. Nesse momento as crianças relataram onde e como vivenciavam a dança e quais os ritmos musicais costumavam escutar na rua, em casa, na escola, nas festas em família, favorecendo o diálogo com os conhecimentos que as crianças adquirem também em outros espaços extraclasse.

Paulo Freire (2017) expressa que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Dessa forma, para o referido autor é necessário valorizar a experiência do educando, aquilo que traz consigo.

Na aula de danças étnicas foram exibidos vídeos da cultura dos diversos países incluindo a brasileira, e explicado suas valiosas contribuições culturais, sendo solicitado aos alunos que identificassem as diferenças e semelhanças em relação aos ritmos, movimentos corporais, expressões faciais, figurinos e adereços. Ao final do debate todos foram convidados a dançar a partir de alguns passos propostos nos vídeos, demonstrados pelas estagiárias, possibilitando a construção de um momento de interações e animação, que favoreceu o trabalho da motricidade infantil.

Segundo Bregolato (2007, p. 143), “com liberdade de expressão, cada aluno é motivado a buscar dentro de si próprio, a fonte inspiradora de sua movimentação. Com isso há a liberação de espírito, sentimentos e pensamentos no movimento dançado”.

E ainda conforme Gonçalves (2008, p. 04) “a criança tem de ser sensibilizada para o mundo dos sons; quanto maior for à sensibilidade para o som, maior será a integração, o desenvolvimento motor, a memória a sensibilidade e a atenção”.

Apreendeu-se durante o projeto, que temas com foco na diversidade, relações étnico raciais, ainda são pouco dialogados no universo infantil, e que estes se fazem urgentes na sociedade contemporânea desde os primeiros anos de escolarização, uma vez que envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e para realidade.

Rosemberg (2012) reflete sobre essa questão quando afirma que os movimentos sociais, e nós professores pesquisadores nos mantemos em silêncio, por desconhecer as relações raciais que se constroem no âmbito da creche, da pré-escola e da pequena infância. Conforme Oliveira e Abramowicz (2010), o racismo eclode na Educação Infantil, na faixa etária entre 0 a 2 anos, quando os bebês negros são menos “paparicados” pelos docentes do que os bebês brancos. Ou seja, o racismo, na pequena infância, incide diretamente sobre o corpo, na maneira pela qual ele é construído, acariciado ou repugnado.

Ao final do projeto foi possível evidenciar que os alunos haviam construído novas reflexões sobre o tema da diversidade, conhecimento de si e do outro, respeito as diferenças encontradas em sala de aula, mas também fora dela. Além disso traços de elevação da auto estima foram percebidas especialmente nos alunos(as) negros(as) participantes do projeto, que passaram a valorizar seus fenótipos, e sua herança histórico-cultural reconhecendo as diferentes belezas e culturas presentes na sociedade brasileira, passando a ressignificar, a valorizar e identificar suas potencialidades, necessidades e singularidades.

Além disso durante a avaliação processual do projeto foi possível identificar que os discentes estavam respondendo efetivamente a temática por meio de olhares, de falas, de comportamentos, de expressões, de mudanças de postura, dentre outras possibilidades.

O olhar dos alunos eles dizem, com absoluta naturalidade, sobre o andamento de tudo. Aprenda a ler seus olhos os olhos dos seus alunos são espelho de branca de neve: dizem tudo o que você perguntar. Não estamos entendendo, não tenho interesse, estou adorando, você fala alto demais, não estou ouvindo. (KARNAL, 2012, P.22)

A prática do estágio trouxe significativas contribuições, especialmente por ser um momento de construção e reconstrução de conhecimento, uma vez que todos ensinamos e aprendemos em uma relação dialógica e dialética.

Então, educamos e somos educados. Ao compartilharmos, no dia-a-dia do ensinar e do aprender, ideias, percepções, sentimentos, gestos, atitudes e modos de ação, sempre ressignificados e reelaborados em cada um, vamos internalizando conhecimentos, habilidades, experiências, valores, rumo a um

agir crítico-reflexivo, autônomo, criativo e eficaz, solidário. Tudo em nome do direito à vida e à dignidade de todo o ser humano, do reconhecimento das subjetividades, das identidades culturais, da riqueza de uma vida em comum, da justiça e da igualdade social. Talvez possa ser esse um dos modos de fazer pedagogia (LIBÂNEO, 1999 p.02)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio contribui decisivamente para que compreendamos a necessidade de se constituir ao longo da formação enquanto profissionais reflexivas, críticas e pesquisadoras, na constante busca de proporcionar aos discentes novas experiências de aprendizagem, significativas e coerentes com suas realidades e potencialidades, ao passo que nos fornece a oportunidade de se construir e se vislumbrar como educadoras, autoras de novas histórias e experiências profissionais, reelaborando um conhecimento sobre nós mesmos e possibilidades de fazer cada vez melhor a luz de um referencial teórico embebido pelo materialismo dialético.

É no contexto do estágio que surge de forma mais aflorada a necessidade de enxergar além do imediato na sala de aula, e enxergar a perspectiva da totalidade, da conjuntura, das interações sociais, do modo de fazer e ser docente, que em muitos momentos fica comprometido por questões de ordem objetivas e burocráticas, levando o professor a uma constante execução e ativismo sem uma postura mais reflexiva sobre o cotidiano de trabalho.

Nesse sentido, salientamos aqui a importância do professor contemporâneo assumir-se enquanto um profissional pesquisador, crítico e reflexivo, para que de fato a escola cumpra sua função e papel social, alicerçada em bases emancipatórias e libertadoras.

Constatamos que para a realização de um trabalho qualitativo e significativo é fundamental conhecer o espaço que está inserido tanto a instituição quanto o estudante. Além de explorar o contexto em que o discente vive, é importante levar em consideração seus conhecimentos prévios, como bem ressalta vários teóricos dentre eles Piaget, Vigotsky, Ausubel, entre outros.

A escola é também lugar de sonhos, utopias, cultura, e de práticas intencionais propostas pelos docentes e comunidade escolar, dessa forma é de fundamental importância que o professor seja um profissional engajado, dotado de criticidade, de vontade, e potencialidades para fazer a diferença no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Por essa razão o educador tem um desafio constante que é avaliar a própria práxis, a instrumentalidade do seu trabalho, e ampliar suas ações pedagógicas e possibilidades didáticas que estão postas no cotidiano, mas que precisam ser materializadas no contexto educacional.

O momento sócio-político que vivenciamos, exige cada vez mais profissionais criativos, dinâmicos e competentes, que sejam capazes de contribuir teórica, prática e eticamente nos espaços educacionais. Isso requer, que o educador esteja atento, aberto e participe de todas as oportunidades que o levem a elevar-se tanto no plano pessoal, profissional, cognitivo, quanto humanamente, e sem dúvidas o estágio e o processo de formação continuada são espaços que possibilitam esse crescimento.

A temática das relações étnico-raciais não se esgota em projetos pedagógicos e interventivos, e requer um trabalho de caráter continuado pelos profissionais da educação. O sucesso escolar está diretamente ligado a uma boa formação, e o tratamento diferenciado e desrespeitoso que recebem as crianças negras por parte da comunidade escolar é um dos fatores que contribuem para o baixo rendimento das crianças afrodescendentes. Lamentavelmente muitas escolas reproduzem a discriminação e o racismo de formas diversas e subjetivas, e muitos educadores não apresentam propostas pedagógicas para se contrapor a essa problemática. As pesquisas apresentam configurações múltiplas de hierarquização, e racismo de forma implícita e explícita nas escolas de Educação Infantil.

A discussão sobre diversidade no campo educacional precisa de um maior aprofundamento, especialmente empírico e aliado ao contexto da educação infantil, pois já nessa fase os sujeitos constroem suas percepções de mundo, de si e do outro, valoração e auto-estima, e diversos aspectos objetivos e subjetivos que podem ser fonte de empoderamento, assumindo desde tenra idade uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização em dialogo com a pedagogia freiriana que liberta e emancipa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANTUNES, Celso: **Auto-estima: Óbvio Demais, Óbvio Demais II e Óbvio III**. Portal Aprende Brasil – articulistas, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998

BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura Corporal da Dança**. 3ª ed. São Paulo: Ícone, 2007

DELY, Paula: **Auto-estima: uma tarefa para pais e educadores**. – Revista Aprende Brasil – 2012 Disponível em: http://www.aprendebrasilcombr3.cdn.educacional.com.br/falecom/nutricionista_imprimir.asp?codtexto=534 Acesso em: 07 de Ago de 2019.

- FELÍCIO, Helena Maria dos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. **A formação prática de professores no estágio curricular**. Educar, Curitiba, n. 32, p. 215-232, 2008
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55^o ed- Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora: Graal.1992. p. 21, 70
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**.6^o Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil 2008.
- GODOY, Bete. 2010. **Roda de Conversa**. Disponível em: <http://paraalmdocuidar-educacaoinfantil.blogspot.com.br/2010/10/roda-de-conversa.html>. Acesso em: 04 de Ago de 2019.
- GONÇALVES, Kelly Cláudia. **Cantando e aprendendo**. São Paulo: Rideel, 2008.
- KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. In: Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, 1., 2010. Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG/MEC, nov. 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3^a ed. São Paulo: HUCITEC – ABRASCO, 1994.
- OLIVEIRA, F.; ABRAMOWICZ, A. **Infância, raça e “paparicação”**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, 2010.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**. 2. ed. – São Paulo: Cortez. – Coleção decência em Formação. Séries Saberes Pedagógicos.2001.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais**. In: BENTO, M. A. da S. (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeira aproximações**. 10^oed. ver-Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- VYGOTSKY, L. S. apud BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: Brasil MEC/ SEB. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. _ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 35.